



VIOLÊNCIA

NAS ESCOLAS PÚBLICAS
DO DISTRITO FEDERAL



VIOLÊNCIA
NAS ESCOLAS PÚBLICAS
DO DISTRITO FEDERAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA	10
EIXOS DA PESQUISA	14
Violência sofrida por professores(as)	17
Violência entre estudantes	18
Violência de estudantes contra professores(as)	22
Violência entre professores(as)	23
Violência de professores(as) contra estudantes	25
ORIGENS DA VIOLÊNCIA	27
CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA	29
CAMINHOS CONTRA A VIOLÊNCIA	32
CONCLUSÃO	36

APRESENTAÇÃO

Realizada pela **Metro Pesquisa** para o Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF), a pesquisa “Violência nas escolas” levanta dados sobre essa realidade nos centros educacionais públicos de Brasília, em especial, da percepção do corpo docente. Esse trabalho tem o objetivo de investigar as causas e de propor ações para a prevenção e o enfrentamento da violência.

A pesquisa contou com a participação de 1.355 professores(as), que responderam questões do formulário disponível no site do sindicato e enviado por *e-mail*. Agradecemos a todos(as) que colaboraram com esse levantamento, cujo resultado norteará políticas e ações que possam mitigar violências físicas e psicológicas no ambiente escolar.

Vale destacar que o sindicato desenvolve diversas ações que, indiretamente, ajudam a prevenir violências específicas, como, por exemplo, as ações ligadas aos direitos das mulheres e das pessoas LGBT. Recentemente, o Sinpro lançou a campanha “Abraço Negro” para combater, dentre

outras coisas, as violências ligadas ao racismo no ambiente escolar e para promover o respeito à diversidade racial e cultural.

A Secretaria para Assuntos de Saúde do Trabalhador, criada em 2005, oferece serviços jurídicos e de escuta psicológica nas relações de trabalho. O objetivo é acolher, pesquisar e buscar informações para rever e criar políticas que previnam a escala crescente de adoecimentos, muitos deles relacionados a situações de assédio moral e violência psicológica entre profissionais da educação.

A publicação desta pesquisa é mais um passo do Sinpro-DF para fortalecer ações que colaborem com a erradicação de violências que hoje atingem crianças, adolescentes e trabalhadores(as) em educação. Tomamos esta iniciativa não só pelo nosso papel de zelar pelas condições de trabalho da nossa categoria, mas porque acreditamos no potencial da educação para transformar realidades rumo a uma cultura de paz.

Diretoria Colegiada do Sinpro-DF

INTRODUÇÃO

A cada 7 minutos, em algum lugar do mundo, uma criança ou um adolescente, entre 10 e 19 anos, é morto, vítima de homicídio ou de alguma forma de conflito armado ou violência coletiva. Somente em 2015, a violência vitimou mais de 82 mil meninos e meninas nessa faixa etária – 24,5 mil dessas mortes ocorreram na América Latina e no Caribe.

Esses dados fazem parte do relatório “Um rosto familiar: A violência na vida de crianças e adolescentes”, lançado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O estudo traz uma análise detalhada das mais diversas formas de violência que crianças e adolescentes sofrem em todo o mundo: violência disciplinar e violência doméstica na primeira infância; violência na escola – incluindo *bullying*; violência sexual; e mortes violentas de crianças e adolescentes.

Segundo outro relatório do Unicef, sobre desafios para o Ensino Médio no Brasil, “os adolescentes mais expostos à violência são aqueles que vivem em sua trajetória a violação de outros direitos, como à educação, ao trabalho decente, à moradia digna, ao acesso ao esporte, à

cultura e à Justiça”. Ao trazer a discussão, especificamente para a educação, grande parte da violência do cotidiano escolar e do entorno da escola acomete adolescentes de 15 a 17 anos, isto é, estudantes que integram o Ensino Médio. Da mesma forma, esses jovens são os mais atingidos pela exclusão escolar – 1,7 milhões de adolescentes, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2011) – e pelo atraso escolar (31,1% dos estudantes, segundo Censo de 2012).

Assim, constata-se que a violência repercute diretamente no desempenho dos estudantes, com ênfase para a rede pública de ensino. A rede estadual é a que concentra a maioria das matrículas: 85% das vagas nacionais, das quais um terço é ocupado por adolescentes com mais de 18 anos. Vemos, então, que dentro das salas de aula públicas, é corriqueiro que estudantes mais velhos convivam com mais novos.

A violência vivenciada no local no qual moram ou dentro da própria casa também interfere na trajetória escolar dos adolescentes(as), não apenas afetando o rendimento escolar deles, mas, igualmente, incentivando a evasão.

Naturalização da percepção das violências

Miriam Abramovay, consultora do Banco Mundial, afirma, no relatório *Violências nas Escolas*, que existe uma tendência problemática à naturalização da percepção das violências nas escolas; consideradas acontecimentos corriqueiros e, por vezes, legítimos na solução de conflitos.

A complexidade da relação estudante-professor no ambiente escolar exige dos docentes cada vez mais habilidades que eles(as) não possuem (e que não têm sido contempladas em sua formação) o que também passa pela valorização das condições de trabalho e da remuneração.

A violência escolar, assim como o racismo, não só se concretiza de forma aberta (agressões, humilhações e assédios, moral e sexual etc.), mas também de forma sutil, pela falta de reconhecimento, de estímulo e da baixa expectativa dos(as) profissionais da escola em

relação às crianças e aos adolescentes que não seguem o padrão esperado. A pesquisa produzida para o Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF) busca, em seu primeiro eixo, medir quais os(as) atores e atrizes mais envolvidos em atos de violência na escola; com que frequência esses atos são presenciados ou vivenciados pelos respondentes; e como se dá a concretização dessas violências. Também abre espaço para relatos espontâneos sobre as consequências da violência escolar vivenciada, permitindo uma análise mais profunda sobre essas experiências e uma avaliação das implicações no dia a dia laboral dos entrevistados.

Num segundo eixo, os participantes da pesquisa foram convidados a pensar sobre as origens da violência presenciada e/ou vivenciada. Aspectos que vão desde um ambiente familiar desestruturado, até relações de

poder dentro e fora da sala de aula ou, ainda, as disparidades econômicas e a necessidade de autoafirmação, dentre outros, permearam as opções dadas aos(as) professores(as) para refletirem sobre as raízes dos problemas.

No terceiro eixo, os(as) professores(as) foram chamados, novamente, para abordar as consequências da violência na escola, vinculando-a, ou não, e de forma estrita, ao desempenho escolar dos estudantes e dos(as) professores(as) por causa, por exemplo, do adoecimento/afastamento dos(as) docentes. Além disso, apontaram possíveis caminhos para conter a violência no ambiente escolar.

Os(as) professores(as) foram questionados sobre se a violência é discutida na escola com todos os atores e atrizes – sejam eles(as) protagonistas ou coadjuvantes – e com qual frequência. E,

ainda, sobre como se colocaria – caso a escola não contemple um – o(a) orientador(a) escolar no enfrentamento à violência, além do grau de sua importância relacionada a esse enfrentamento.

Por fim, os(as) professores(as) foram convidados a escolher entre três opções que acreditam ser mais eficazes no combate à violência escolar, prioridades essas que transitam entre três “áreas” principais: um maior envolvimento das partes entre si, uma maior atenção à segurança/punições e a terceira, a necessidade de orientação.

Esperamos que esta pesquisa retire a violência da invisibilidade e que essa cartilha seja usada nas salas de aula e em todos os espaços necessários para a discussão de soluções a fim de diminuir ou, quem sabe, erradicar esse problema nas escolas. Os dados completos estão disponíveis no Sinpro-DF.

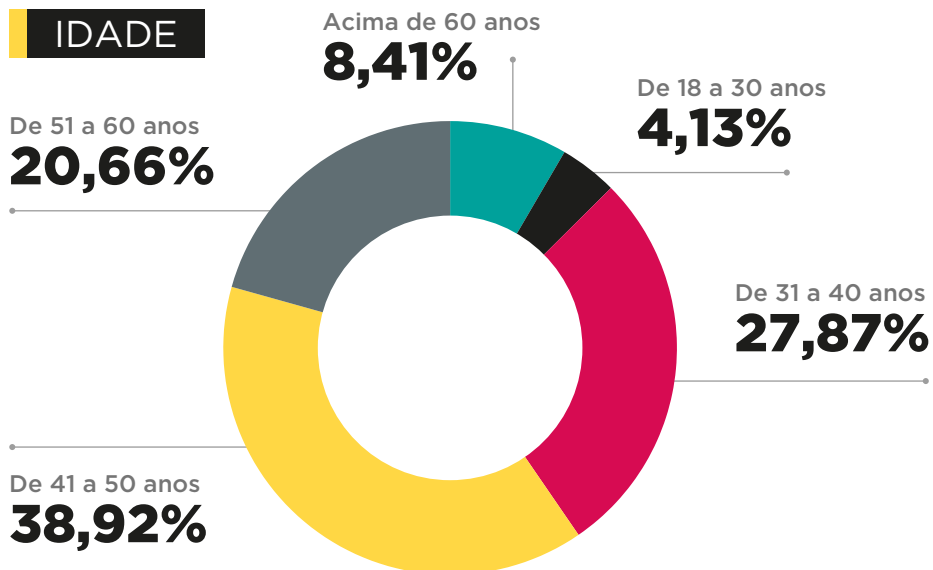
METODOLOGIA

Pesquisa realizada por meio de formulário no site do Sinpro-DF e enviado por e-mail

Participantes: 1.355 professores(as)

Período: 4/12/2017 a 21/3/2018

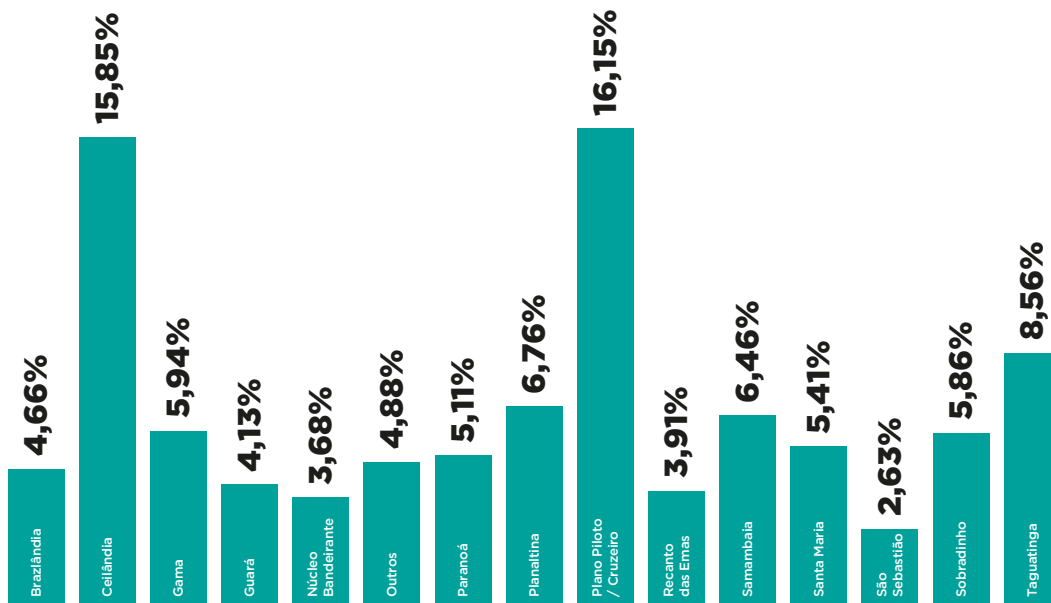
IDADE



GÊNERO



CIDADE



SITUAÇÃO



1.355 professores(as), que responderam questões pelo formulário disponível no site do sindicato e por e-mail. A pesquisa foi elaborada em quatro eixos: no primeiro, procurou-se mensurar quais os(as) atores e atrizes mais envolvidos(as) em **atos de violência** na escola e identificar com que frequência esses atos são presenciados ou vivenciados. No segundo, os(as) participantes foram convidados(as) a pensar sobre as **origens** da violência presenciada e/ou vivenciada. No terceiro eixo, abordaram-se as **consequências** da violência na escola. Por fim, os(as) professores(as) falaram sobre as **propostas** que julgaram eficazes a fim de mitigar esse problema.

EIXOS DA PESQUISA

Nesse módulo buscamos identificar a vivência do(a) professor(a) com as mais variadas formas de violência no ambiente escolar: violência entre estudantes; entre professores(as) e estudantes; entre os(as) professores(as); contra os trabalhadores(as) da educação e contra o patrimônio escolar. Além disso, pedimos que os(as) participantes da pesquisa compartilhassem suas próprias experiências de violência sofrida.

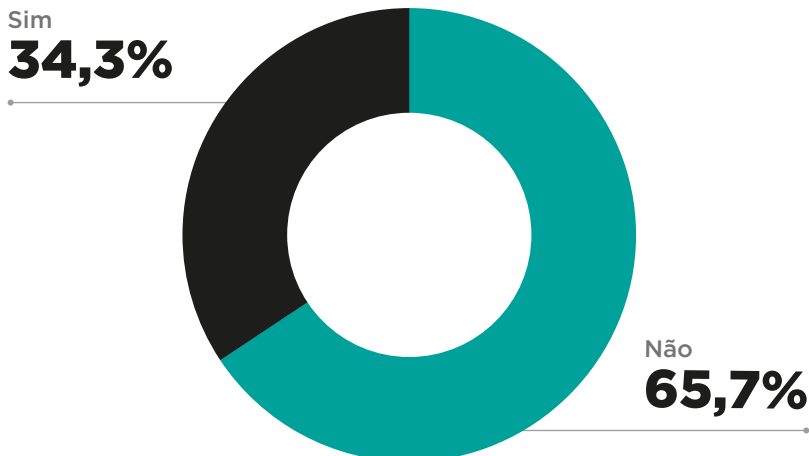
Dos(as) professores(as) respondentes, 97,15% afirmaram que já presenciaram algum tipo de violência no ambiente escolar e, 57,17% deles(as), já foram vítima dessa violência. Apesar disso, quando perguntados(as) se consideram a escola em que atuam violenta, apenas 34% afirmou que sim, que a escola é um ambiente violento.

DADO 1

97,15% dos(as) professores(as) já presenciaram algum tipo de violência

Você, professor(a), já sofreu violência?

CONSIDERANDO A SUA EXPERIÊNCIA, VOCÊ DIRIA QUE A SUA ESCOLA É VIOLENTA?



TIPOS DE VIOLÊNCIAS REGISTRADAS PELAS(OS) PROFESSORAS(ES)



Um aluno levou arma para me matar.

Sofri agressões ao separar briga de estudantes.

Sofri assédio moral e desqualificação do trabalho.

Fui assaltada dentro da sala de aula em 1994.

Riscaram todo o meu carro no estacionamento da escola.

Roubo de veículos dentro do estacionamento da escola.

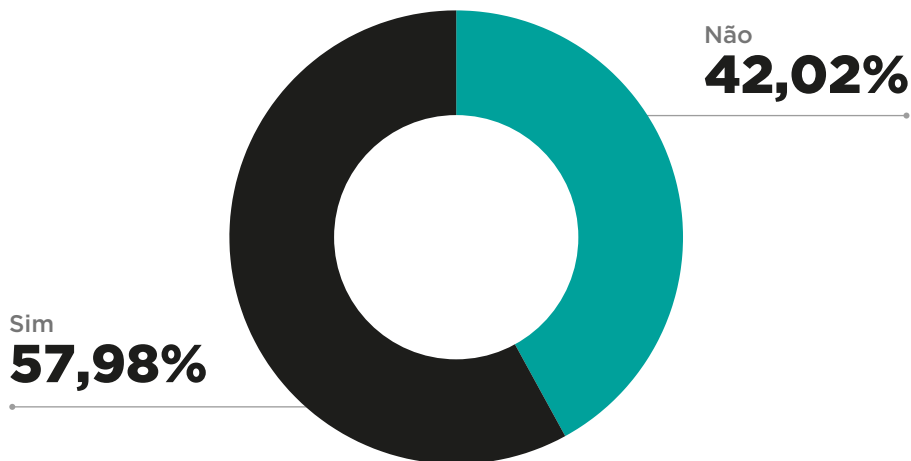
Roubo e invasão de privacidade. Pegaram meu celular dentro da bolsa, que estava no armário, e espalharam pela instituição escolar minhas conversas, causando grande constrangimento.

Passei por transferência de escola, constantemente, por pensar e ter uma concepção ideológica diferente.

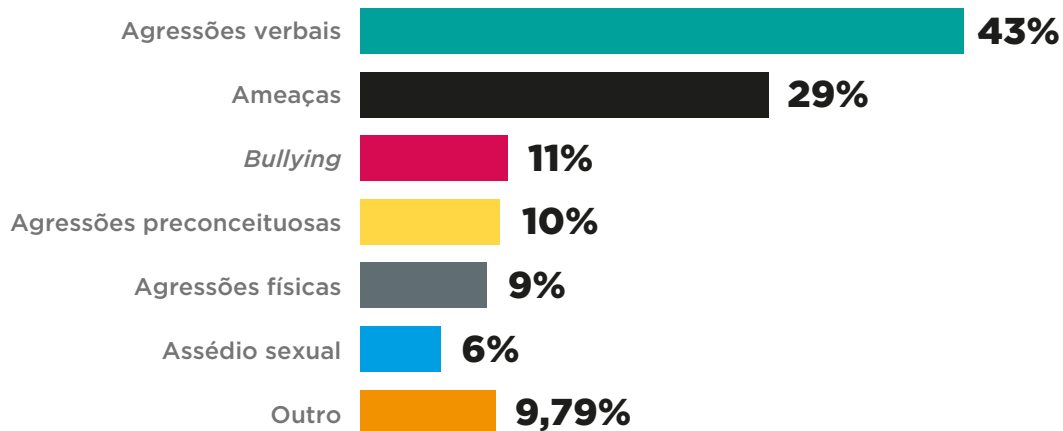


VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES(AS)

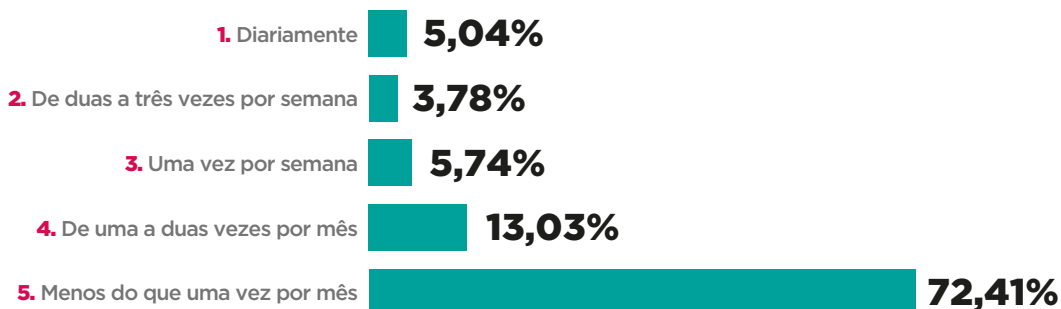
VOCÊ JÁ SOFREU ATOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA?



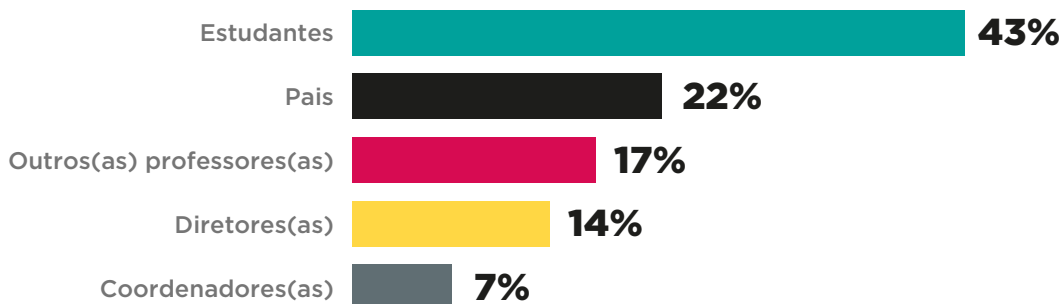
QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA VOCÊ SOFREU?



COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PRESENCIA ESSES TIPOS DE VIOLÊNCIA?



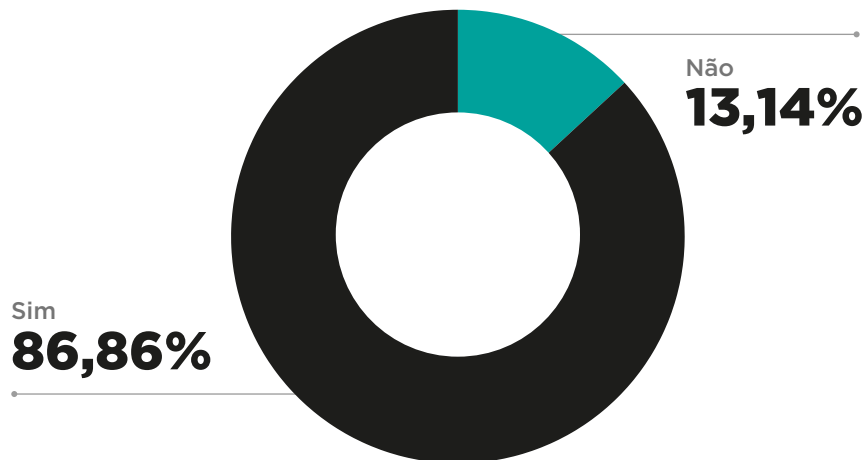
QUEM PRATICOU ESSES ATOS DE VIOLÊNCIA CONTRA VOCÊ?



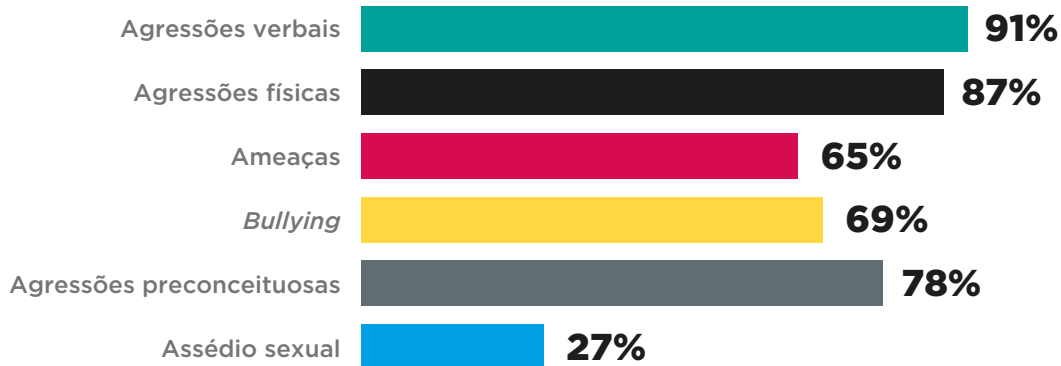
VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES

As agressões verbais são sempre as mais apontadas, independentemente do sexo ou idade dos(as) respondentes. Entre os mais jovens (até 30 anos), as agressões preconceituosas aparecem em terceiro lugar dentre os tipos de violência mais mencionados (no ranking geral aparece em quinta posição).

VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA ENTRE OS(AS) ESTUDANTES?



QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES VOCÊ PRESENCIOU?



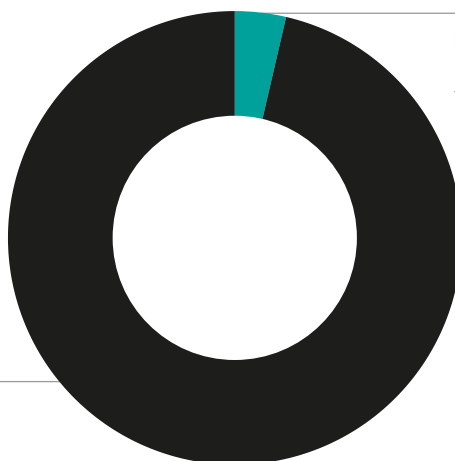
Os(as) professores(as) mais jovens (de 18 a 30 anos) tendem a enxergar mais a violência entre estudantes: 96,36% dos(as) respondentes dessa faixa etária afirmaram ter presenciado violência entre estudantes dentro da escola - na faixa acima dos 60 anos, esse índice é de 75,89%.

VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA ENTRE OS(AS) ESTUDANTES?

IDADE

De 18 a 30 anos

Sim
96,36%



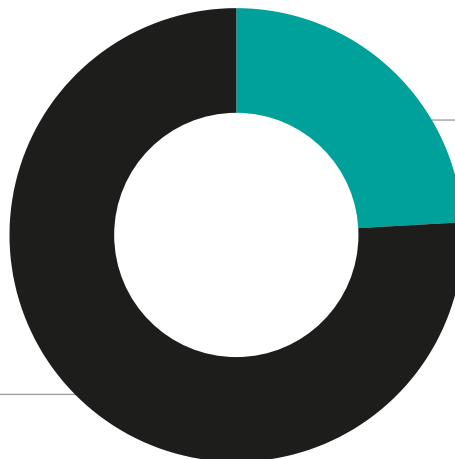
Não
3,64%

VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA ENTRE OS(AS) ESTUDANTES?

IDADE

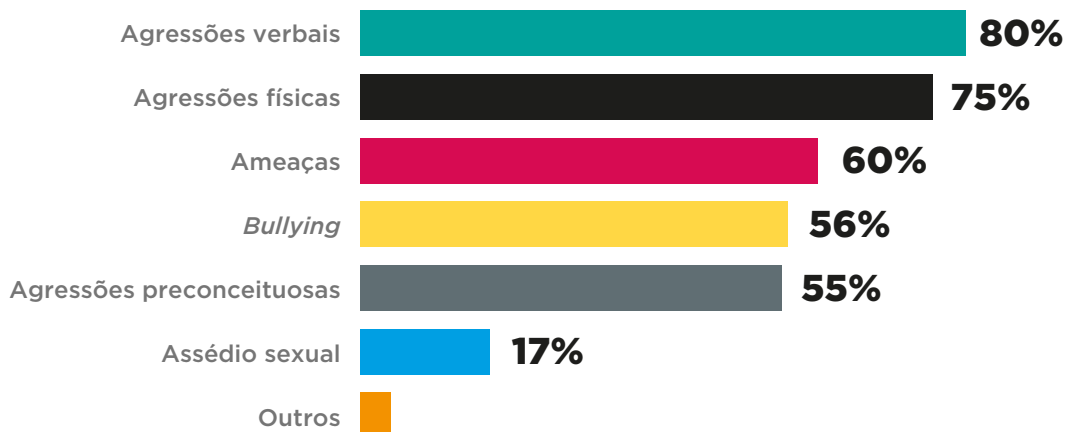
Acima de 60 anos

Sim
75,89%



Não
24,11%

QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES VOCÊ PRESENCIOU?

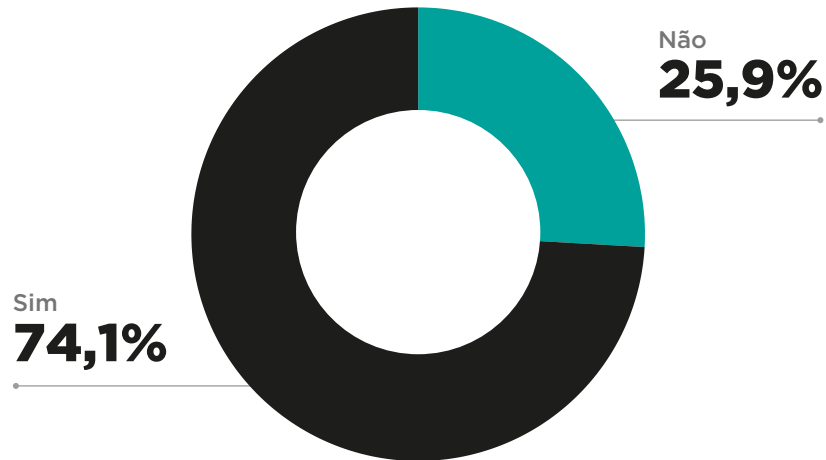


COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PRESENCIA ESSES TIPOS DE VIOLÊNCIA?

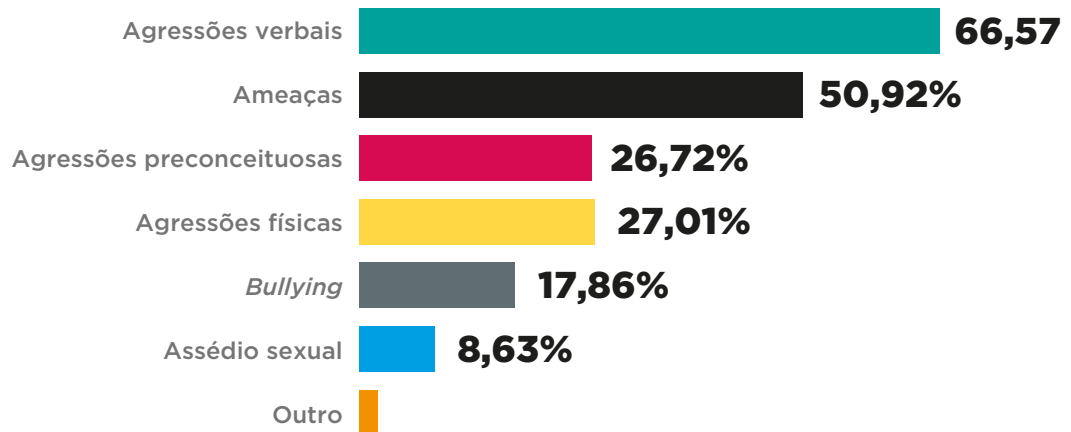


VIOLÊNCIA DE ESTUDANTES CONTRA PROFESSORES(AS)

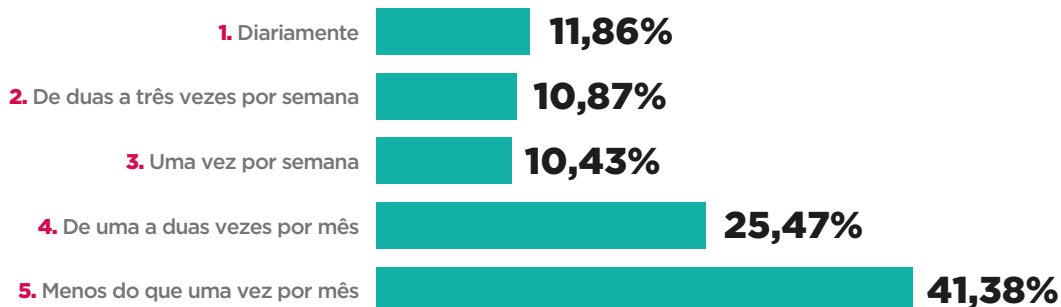
VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA DE ESTUDANTES CONTRA PROFESSORES(AS)?



QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA DE ESTUDANTES CONTRA PROFESSORES(AS) VOCÊ PRESENCIOU?

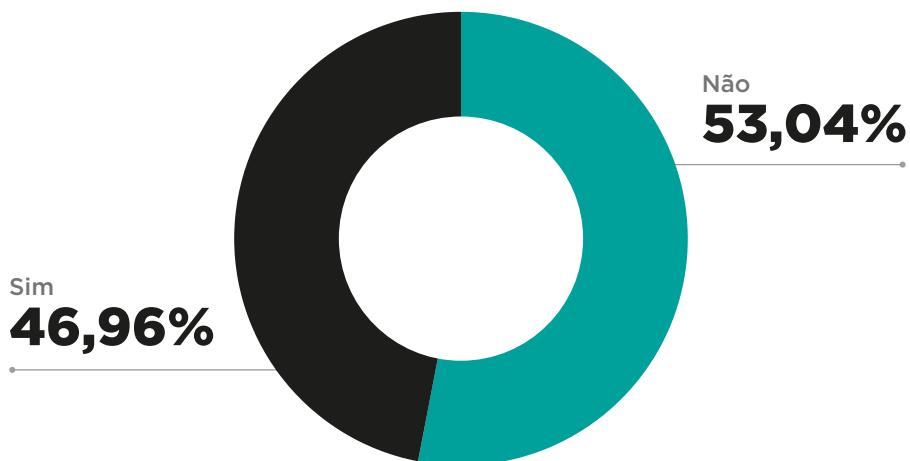


COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PRESENCIA ESSES TIPOS DE VIOLÊNCIA?

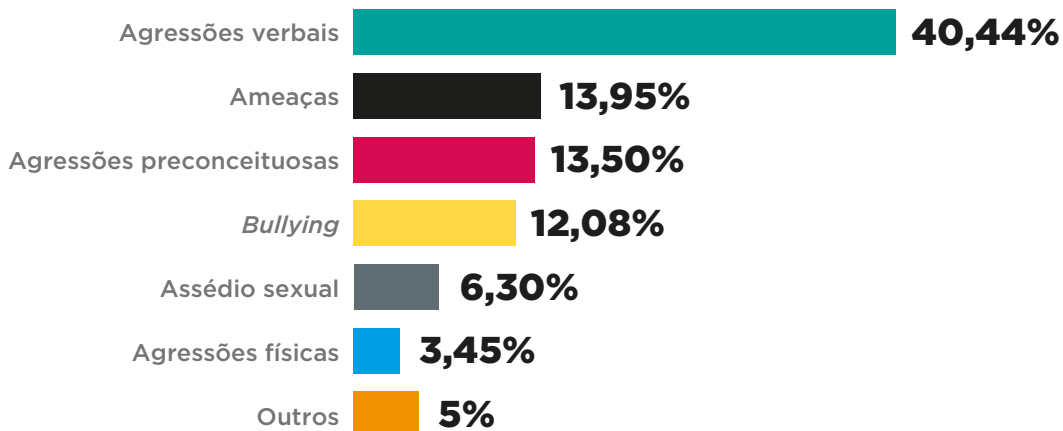


VIOLÊNCIA ENTRE PROFESSORES(AS)

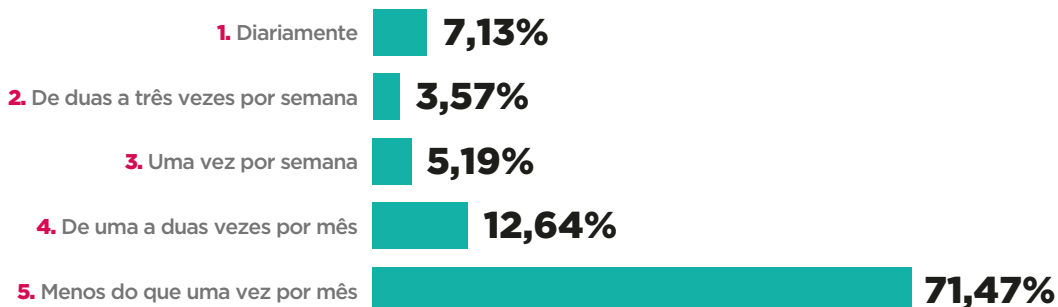
VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA ENTRE PROFESSORES(AS)?



QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA ENTRE PROFESSORES(AS) VOCÊ PRESENCIOU?



COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PRESENCIA ESSES TIPOS DE VIOLÊNCIA?

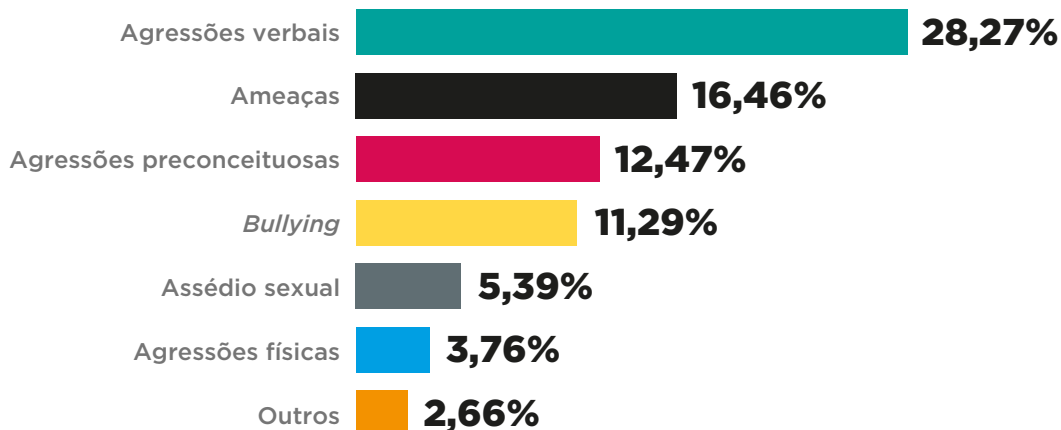


VIOLÊNCIA DE PROFESSORES(AS) CONTRA ESTUDANTES

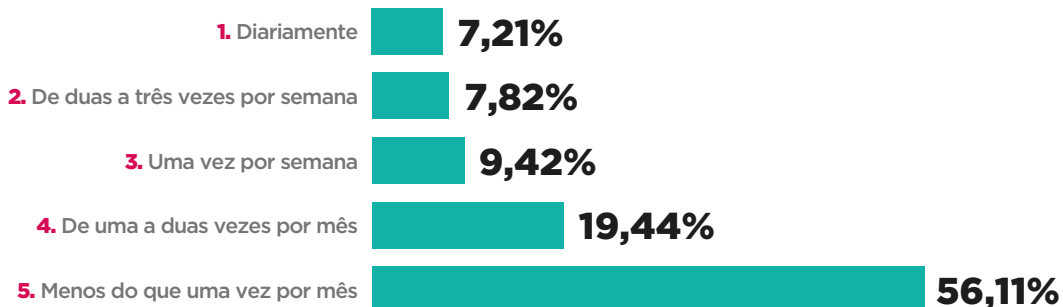
VOCÊ JÁ PRESENCIOU ATOS DE VIOLÊNCIA DE PROFESSORES(AS) CONTRA ESTUDANTES?



QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA DE PROFESSORES(AS) CONTRA ESTUDANTES VOCÊ PRESENCIOU?



COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PRESENCIA ESSES TIPOS DE VIOLÊNCIA?



RELATOS: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SOFRIDA



A situação advinda dos estudantes foi resolvida sem problemas e sentimentos. O que ainda me causa transtornos psicológicos, que ataca a fibromialgia e que me levou a decidir sair, agora, da escola é o assédio moral (lateral e com passividade da direção). Começou em 2015 e dura até hoje, pois a professora sempre faz piadas e comentários maldosos, além de perpetuar mentira. Isso me fez e faz perder a vontade de ir trabalhar. E o pior é que mesmo grávida em 2016, o assédio continuou. Procurei o vice-diretor pra conversar, mas ele, por ser amigo da professora em questão, não fez nada.

Afastamento da sala de aula, desânimo com a função, vontade de exercer outra profissão.

Com relação à violência sofrida pela direção, resolvi o problema acionando o sindicato. Amenizaram os constrangimentos explícitos,

embora os velados tenham continuado com menos frequência até minha saída da escola no término do ano letivo

Depressão e síndrome do pânico em 2017, faço tratamento até hoje mesmo tendo mudado de escola.

Estresse, ansiedade, decepção, frustração, inferiorização.



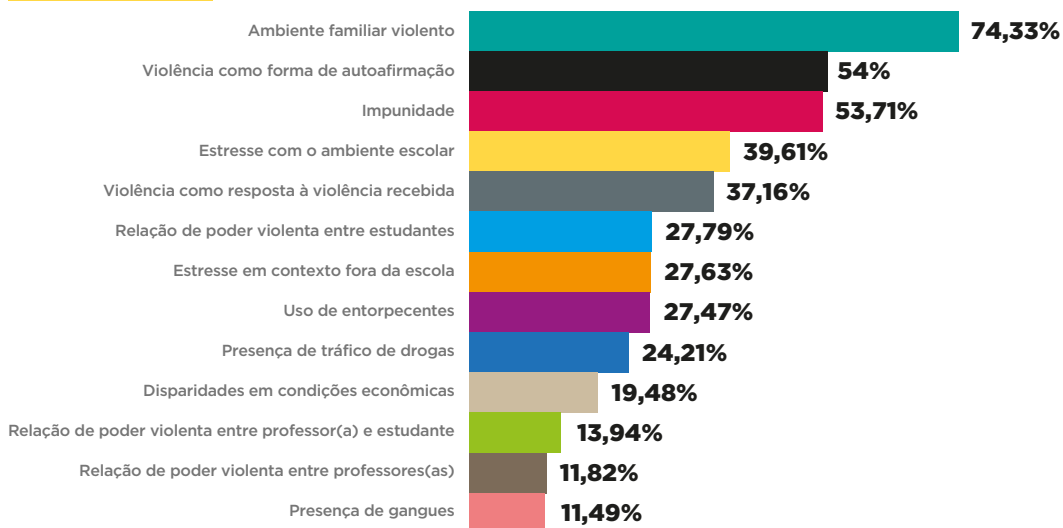
ORIGENS DA VIOLÊNCIA

Neste segundo módulo, os(as) participantes da pesquisa foram convidados(as) a pensar sobre as origens da violência presenciada e/ou vivenciada.

Setenta e quatro por cento dos(as) respondentes identificam o ambiente familiar violento como a principal causa da violência presenciada ou sofrida. Em seguida, veem a necessidade de autoafirmação e a impunidade como causa do problema. No entanto, quando confrontamos essa percepção com o sexo do(a) respondente, ela se modifica. Os professores homens tendem a colocar um peso maior na impunidade como causa da violência do que as mulheres, assim como dão mais importância aos fatores, como uso de entorpecentes e presença de tráfico de drogas.

Além disso, os(as) professores(as) mais jovens veem com relativa importância que a violência é também uma resposta à própria violência sofrida.

QUE TIPOS DE VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES VOCÊ PRESENCIOU?



PERCEPÇÃO DAS MULHERES

QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA EXPLICAR A VIOLÊNCIA?



PERCEPÇÃO DOS HOMENS

QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA EXPLICAR A VIOLÊNCIA?



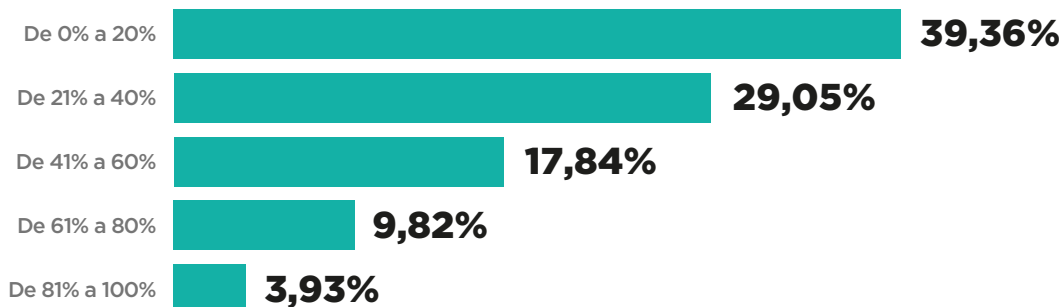
CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA

Buscou-se identificar, também, as consequências da violência no ambiente escolar no desempenho dos(as) professores(as) e estudantes. As professoras estimam que, aproximadamente, um em cada três estudantes sofrem uma piora de desempenho por causa da violência. Para professores(as), esse número salta para quatro em cada dez.

Essas estimativas são relativamente estáveis quanto às características dos(as) respondentes; destaque para a tendência de professores(as) mais jovens (De 18 a 30 anos) relacionar com menos frequência a queda no aprendizado como uma consequência da violência.

Por fim, procurou-se, nesta pesquisa, averiguar possíveis caminhos contra a violência no ambiente escolar: A violência é discutida na escola? Com qual frequência? Os participantes puderam escolher três opções as quais eles(as) acreditam serem mais eficazes no combate à violência escolar.

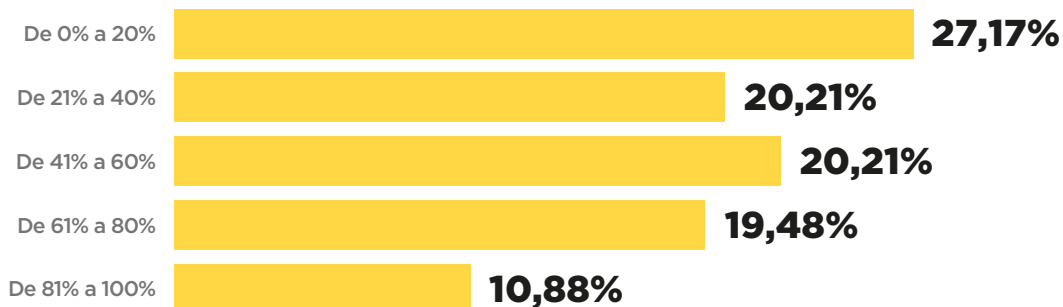
QUAL A PORCENTAGEM DE ESTUDANTES QUE SOFREM UMA PIORA NO DESEMPENHO POR CAUSA DA VIOLÊNCIA?



31,73%

Estimativa de estudantes com pior desempenho por causa da violência

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES(AS) QUE SE SENTEM DESMOTIVADOS POR CAUSA DA VIOLÊNCIA?

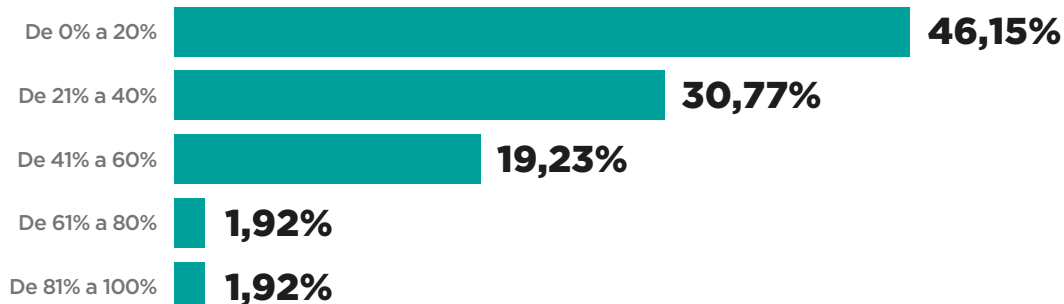


43,18%

Estimativa de professores desmotivados por causa da violência

PERCEPÇÃO DOS(AS) JOVENS DE 18 A 30 ANOS

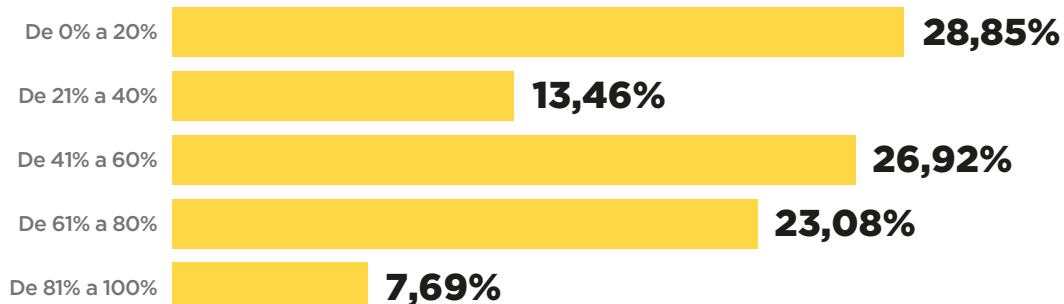
QUAL A PORCENTAGEM DE ESTUDANTES QUE SOFREM UMA PIORA NO DESEMPENHO POR CAUSA DA VIOLÊNCIA?



26,54%

Estimativa de estudantes com pior desempenho por causa da violência

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES(AS) QUE SE SENTEM DESMOTIVADOS POR CAUSA DA VIOLÊNCIA?



43,46%

Estimativa de professores desmotivados por causa da violência

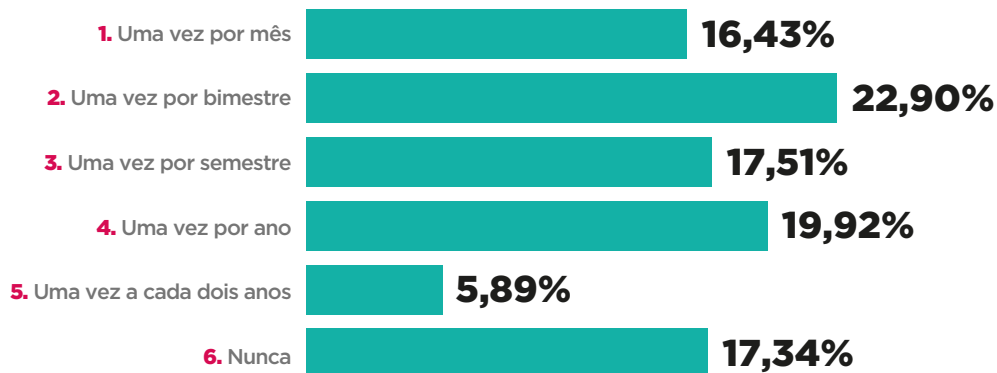
CAMINHOS CONTRA A VIOLÊNCIA

O assunto violência é, de alguma forma, discutido nas escolas. Quarenta por cento dos(as) professores(as) afirmam que na escola em que lecionam há tais discussões. No entanto, no outro extremo, alarmantes 17% dos(as) professores(as) nunca discutiram o tema em suas escolas.

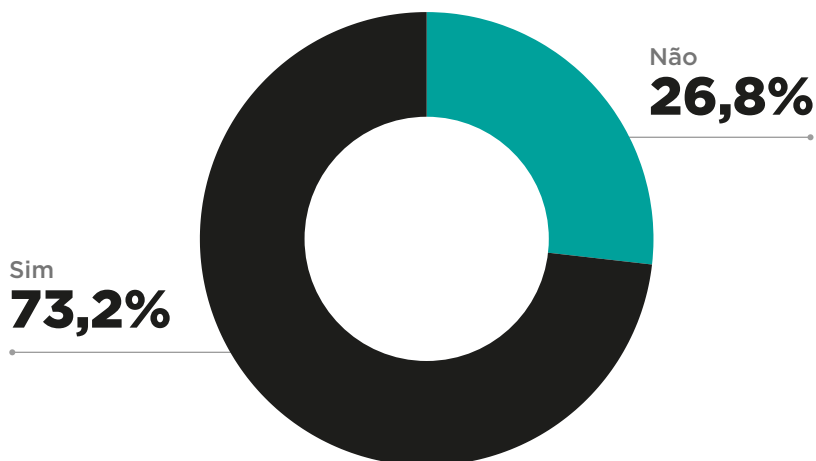
Quanto ao orientador(a) educacional, os(as) professores(as) identificam a capacidade desses profissionais de atuarem na mediação de conflitos e na identificação de alterações de comportamento como aspectos importantes no enfrentamento à violência. No entanto, 27% dos(as) docentes trabalham em escolas que não possuem um(a) orientador(a) em seus quadros.

Foram identificadas as quatro medidas mais eficazes para combater a violência, segundo os(as) participantes da pesquisa: 1. Envolvimento dos pais no cotidiano escolar (69%), 2. Adoção de práticas pedagógicas mais inclusivas (59%), 3. Desenvolvimento de competências socioemocionais (48%) e 4. A presença do(a) orientador(a) (41%). Os professores homens, por sua vez, em consonância com a sua própria percepção do que causa a violência escolar, acreditam que punição mais rigorosa é uma medida de relativa importância nesse enfrentamento.

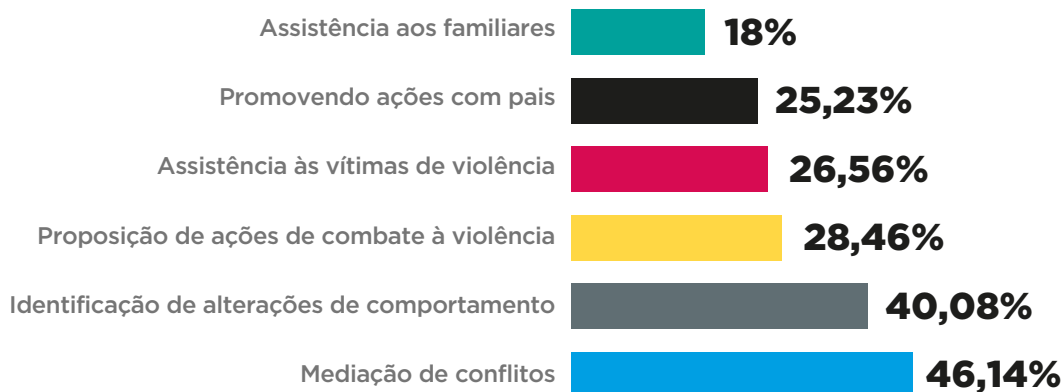
COM QUAL FREQUÊNCIA O ASSUNTO VIOLÊNCIA É DISCUTIDO NA SUA ESCOLA



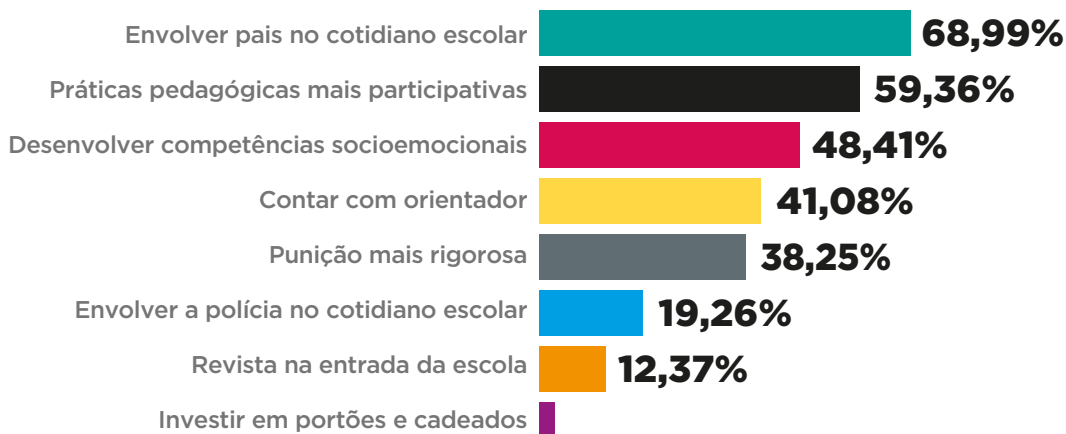
SUA ESCOLA TEM ORIENTADOR(A)?



DE QUE MANEIRA O(A) ORIENTADOR(A) TEM CONTRIBUÍDO COM A ESCOLA NO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA?



QUAIS SÃO AS MEDIDAS MAIS EFICAZES NO COMBATE À VIOLÊNCIA?



PROPOSTAS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA, NA VISÃO DOS PROFESSORES(AS)



Participação em palestras envolvendo Conselho Tutelar, Polícia, Batalhão Escolar, Bombeiro e demais órgãos competentes, relacionados à segurança e à conscientização cidadã. E participação efetiva dos pais e comunidade.

A experiência da Escola da Ponte, em Portugal, e o Projeto Âncora, em Cotia (SP).

A Mediação Escolar é um instrumento eficaz no combate à violência na escola.

A orientadora de uma escola fazia intervenções com as famílias das crianças que apresentavam problema de comportamento. Direcionava algumas dinâmicas com essas crianças e auxiliava os(as) professores(as) com rotina de atividades e registro de comportamentos em prazos determinados. Excelente trabalho, quase não havia problema de violência.

A prática desportiva.

A presença e a cobrança dos pais ou responsáveis junto ao Batalhão Escolar DCA e Conselho Tutelar sempre demonstram eficiência e poder do estado.

Acho o Proerd [Programa Educacional de Resistência às Drogas] uma grande ajuda.

Acredito muito na experiência do CEF 01 de Brazlândia. Acompanhei até um determinado ponto e era muito exitosa. A escola era considerada um Cajé [antigo Centro de Atendimento Juvenil Especializado] da cidade e em alguns anos se tornou modelo.



CONCLUSÃO

A pesquisa mostra que 97,15% dos(as) professores(as) respondentes presenciaram violência na escola em algum momento de sua vida e, 57,98% deles afirmaram que já foram alvo dessa violência. Apontam também que 26,59% das situações de violência que presenciam entre estudantes é diária.

As consequências são desastrosas: professores(as) e demais trabalhadores(as) da Educação adoecem, desenvolvem fobias sociais, afastam-se do trabalho. Estudantes adoecem, perdem o ano, engrossam as estatísticas de evasão.

Apesar desses dados alarmantes, relativamente, poucos consideram a escola violenta (34,3%). Os números chamam a atenção e são condizentes com o caráter violento que nossa sociedade tem assumido cada vez mais.


A maior parte das razões encontradas para tanta violência vem do ambiente à escola (ambiente familiar; presença de tráfico de drogas; desigualdades socioeconômicas; entre outras). Porém, os(as) professores(as) entendem também que a escola tem papel importante no enfrentamento da violência. Tanto que apontam iniciativas dentro da escola que poderiam melhorar esse cenário.

Um caminho importante é o fortalecimento da gestão democrática, aprofundando a participação da comunidade nas discussões da escola e o bom funcionamento de Conselhos Escolares. Oferta de atividades culturais e desportivas nos espaços da escola é uma contribuição que faz diferença. Além disso, é fundamental exigir que toda escola tenha um (a) orientador(a) educacional; bem como a valorização do trabalho desse (a) profissional, oferecendo a ele(ela) adequadas condições de trabalho e acesso a processos de formação continuada. Todos esses fatores contribuem, inclusive, para evitar que relações violentas se estabeleçam dentro da escola, para que seja possível desconstruir o estresse no ambiente escolar.

Quanto às violências decorrentes de preconceitos e discriminações, o Sinpro-DF confeccionou materiais que se encontram à disposição para somar esforços. Cadernos, jornais, revistas sobre racismo, LGBTfobia, bullying e questões de gênero produzidos pelo sindicato podem ser usados em discussões em sala de aula para desnaturalizar opressões e construir igualdade.

Mas, antes de mais nada, é necessário que o GDF se engaje no combate e, principalmente, na prevenção à violência. Como vimos, a escola está inserida num contexto violento, tal contexto reproduz-se dentro do espaço da escola. É papel do governo garantir a segurança da população e oferecer condições iguais de acesso à saúde, educação, cultura, transporte. Esse seria o maior dos passos rumo a uma vida sem violência para todos e todas.

Diretoria do Sinpro-DF



Este trabalho é dedicado à memória de Sandra Dantas, que o iniciou com seu costumeiro empenho e deixou sua marca tanto nesta produção quanto em nossas vidas.

© 2018 Sinpro-DF

Realização

Sindicato dos Professores no Distrito Federal

Pesquisa

Metro Pesquisa

Revisão

Alessandra Terribile

Projeto Gráfico e Editoração

Frisson Comunicação

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: www.sinprodf.org.br

Projeto Gráfico

Esta publicação foi elaborada em 20 x 20 cm, com mancha gráfica de 13,92 x 17,5 cm, fonte Gotham Book 10pt., papel reciclato 110g, impressão offset colorida, acabamento dobrado, encadernação canoa.

Edição Impressa

Tiragem: xxx exemplares.

Gráfica ...

Junho de 2018.





SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

CNB 04 • Lote 03 • Loja 01 • Taguatinga/DF • CEP: 72115-045

Telefone: (61) **3562.4856**

www.sinprodf.org.br